

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DEPOIMENTOS DE UMA ESCRITORA

Vivina de Assis VIANA*

Um dia, fiquei reparando um de meu filhos extasiado diante de seu aparelho preferido. Não resisti: "Filho, parece que você nasceu vendo televisão..."

Algum tempo depois, estava eu diante da máquina, ele passou e não resistiu: "Mãe, parece que você nasceu escrevendo..."

Não nasci nem lendo. Nem soletrando.

Entretanto, deve ter havido um momento em que comecei a despertar para o ato de escrever. Isso pode ter acontecido quando, criança ainda, numa fazenda no interior de Minas, via meus pais e irmãos lendo e gostando de ler.

Meus pais não fizeram cursos regulares de nenhum grau. Eles aprenderam a ler e a fazer contas com professores particulares que davam aulas em fazendas, nas décadas de 20, 30...

Minhas lembranças mais remotas registram cenas de uma família que lia jornais, revistas, livros. Os jornais e revistas chegavam do Rio de Janeiro sempre pelo correio: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Cruzeiro*, *A Cigarra*, etc. Os livros eram comprados em São João del-Rei, sempre antes do início das férias. Assim, elas chegavam com o sabor da novidade e do desconhecido...

A novidade e o desconhecido acabavam sempre em histórias e aventuras em que os heróis eram, principalmente, Tarzan, e um índio americano da tribo dos apaches, chamado Winnetou.

* Escritora de livros de Literatura infanto-juvenil

Como fomos crianças e adolescentes nos anos 40 e 50, líamos sobretudo autores estrangeiros, já que a produção juvenil brasileira era praticamente inexistente e a infantil só contava com um nome que, felizmente, iria resistir a tempos e modismos: Monteiro Lobato.

Entre os estrangeiros, líamos principalmente Edgard Rice Borroughs, criador da série de Tarzan, e Karl May, criador de Winnetou.

Como Tarzan, Winnetou era uma personagem que passeava por vários livros de seu autor. Ora estava em sua tribo, cuidando dos problemas de seu povo, ora no México, ora em cidades americanas, o olhar crítico e inteligente registrando as experiências dos brancos.

Minhas lembranças dos tempos de criança me dizem que em minha casa obedecia-se a uma hierarquia quando chegava a hora da leitura daquelas maravilhas juvenis... Claro que os mais velhos liam em primeiro lugar. Sendo a quarta de cinco irmãos, eu esperava minha vez ansiosamente. Às vezes, sofredamente...

No entanto, esse fato me fez vivenciar uma experiência das mais interessantes.

Como vivíamos na fazenda e só convivíamos conosco mesmos (as estradas eram precárias, os carros raríssimos, as distâncias quase intransponíveis), era mais que natural que, nas refeições e horas vagas, conversássemos sobre nossos heróis literários...

Assim, quando, finalmente, chegava minha vez de ler determinado volume, eu já sabia (e com detalhes) o que me esperava.

Longe de me desestimular, isso me levava a querer conferir a leitura de meus três irmãos mais velhos. Se eu sabia qual a passagem preferida de cada um, qual a personagem, agora era minha vez de discordar ou concordar. Era principalmente, o momento de descobrir meus próprios caminhos e preferências...

Nunca vou me esquecer de quando "Winnetou", composto de três grossos volumes, veio parar em

minhas mãos. Eu já conhecia sua história, lutas, decepções. Sabia, principalmente, que no terceiro volume, bem no fim, ele morreria. Pois quando fui chegando ao final do terceiro volume, procurei o lugar mais sossegado da fazenda. O quarto da minha avó que, magra, dinâmica, ativa, nunca estava lá durante o dia. Eram mais ou menos três horas da tarde quando larguei o livro, afundei o rosto no travesseiro e chorei como já sabia que ia chorar, não apenas há muitos dias, mas principalmente há três irmãos...

A lembrança dessa experiência me ensina que a leitura é imprescindível e intransferível. Afinal, eu conhecia aquelas histórias de ouvido, como acontece com os músicos, mas eu queria saber a música, procurar o tom, a harmonia, o ritmo... Penso que, nesses momentos, eu estava começando a escrever. Aparentemente eu estava lendo, mais nada. Só aparentemente.

Nessa época, eu estudava em São João del-Rei, num internato de freiras. Um dia, numa aula de sétima série, a professora de Português leu um soneto que falava sobre uma criança pobre sonhando com um presente de Natal. Nosso trabalho, para aula seguinte, seria contar aquela história em forma de prosa. Lembro-me de que fiquei um tempo enorme escrevendo. Rasgava papéis e papéis... A freira que estava nos vigiando nessa tarde chegou a implicar: "Seu pai trabalhando e você desperdiçando"... No dia seguinte, a professora levou os trabalhos. Quando os trouxe de volta, foi entregando um, outro, outro. Nunca chegava a minha vez. Fui a última. Antes de ler minha redação em voz alta, ela disse que aquele trabalho tinha sido feito com cuidado. Ficado bonito. Dado certo.

Naquele dia descobri que existe um prazer enorme em ser lido. Tão grande quanto o prazer de escrever. Aumenta a responsabilidade, mas vale a pena.

Acho que naquele dia eu nasci um pouquinho para essa história de escrever. Entretanto, só muito mais tarde comecei a pensar em publicação.

Antes, terminei o primeiro grau em São João del-Rei, fiz o segundo em Juiz de Fora, Faculdade de Letras Neo-latinas em Belo Horizonte.

Formada em Letras, trabalhei em alguns colégios de Belo Horizonte, entre eles o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Minas Gerais, onde se realizavam experiências interessantes na área do ensino. Esse Colégio foi fechado no final dos anos sessenta (ou início dos setenta), na época da repressão das idéias e, conseqüentemente, dos sonhos.

Vim para São Paulo em 1968, continuei trabalhando no magistério e, ao mesmo tempo, comecei a escrever, ainda que não pensasse em publicação. Era como se eu fizesse redações para mim. Depois de escritas, guardava-as na gaveta e ponto final.

Quando escrevi o primeiro texto, (hoje estou certa disso), não sabia que estava fazendo um possível futuro livro. Ele foi escrito numa tarde de muita saudade, em São Paulo. Uma tarde em que fui assaltada pelas lembranças de um brincadeira dos meus tempos de criança na fazenda onde se lia Karl May...

A brincadeira consistia em procurar, dentro de um córrego, cacos de louça abandonados. Fazíamos isso o dia inteiro, eu e meu irmão cinco anos mais velho. Morávamos numa fazenda antiga, que já tinha tido dois proprietários. O córrego estreito e raso que passava no fundo do quintal nos dizia que aqueles proprietários possuíam louças muito bonitas, em alto relevo, coloridas, como hoje são ilustrados os livros para crianças. Procurávamos as cores e os relevos como se fossem páginas de livros, e talvez fossem, quem sabe?

O livro que nasceu dessa vivência, *O Rei dos Cacos*, conta, então, a história de duas crianças que colecionam cacos de louça bonitos. Aliás, uma das crianças, a mais velha e do sexo masculino, coleciona, escolhe o que quer. A outra, mais jovem e mulher, fica com o resto...

Um dia, eles encontram um caco mais bonito que qualquer outro. O rei, naturalmente. Disputado, vai parar na coleção do menino. Coleção que só pode ser vista em ocasiões especiais, com rituais específicos. Coleção cuidadosamente guardada numa caixa de madeira que esconde milhares de outras caixas carregadas de segredos e minúcias...

O maior sonho da menina é encontrar a outra metade do rei dos cacos. O do irmão também, e ela sabe disso...

Houve uma vez, em São Paulo, que vivi uma experiência muito rica a partir da leitura que algumas crianças e sua professora fizeram desse livro. Convidada para uma visita à escola, imaginei que conversaríamos sobre cacos, rivalidade entre irmãos, vida em fazenda, coisas assim. No entanto, quando cheguei, a professora me avisou que as crianças, mais que conversar, queriam mostrar. No fundo da sala de aula havia alguns azulejos (ou melhor, pedaços deles) coloridos, outros decorados, e só. Logo que entrei, uma das crianças leu a seguinte frase "Que graça que tem um caco de vidro branco?". Em seguida perguntou se a frase era minha e se eu concordava com ela. Sim, era minha. Claro, concordava. Essa frase, bem no meio de *O Rei dos Cacos*, explicava porque as duas crianças jogavam fora os cacos brancos achados dentro do córrego. Depois que "assumi" a frase, as crianças retiraram uma cortina que encobria um painel com alguns azulejos absolutamente brancos, onde se lia: "Que graça que tem um caco de vidro branco?" Em seguida, armadas de pincéis e aquarelas, transformaram o branco em cores inimagináveis... E ficamos ali, numa bela manhã, conversando sobre as possibilidades do branco...

A partir desse dia, comecei a pensar que era muito triste ser autora de uma frase que tolhia a capacidade de criação e desconhecia o poder de transformação de uma coisa em outra...

Não durou muito. abordando esse fato num seminário sobre literatura infantil, ouvi de uma assistente, exatamente o contrário: "Sua frase é polêmica, gera discussões, faz pensar"...

Concordei, voltando à postura anterior. Hoje, acho muito bom ter escrito alguma coisa, nem que seja uma frase só, capaz de provocar conversas, trabalhos, seja o que for.

"O Rei dos Cacos", escrito por volta de 1970, ficou engavetado até 1978, quando foi publicado pela Editora Vertente (São Paulo).

Um ano antes, em 1977, publiquei meu primeiro livro. *O Dia de Ver Meu Pai*, escrito no ano anterior.

Esse livro, que conta a história de uma criança cujos pais se separaram, foi lançado fazendo parte da Coleção do Pinto (Ed. Comunicação, B. Horizonte). Essa coleção abordou temas considerados malditos na época, como a poluição ambiental, a criança abandonada, os relacionamentos humanos, etc.

O Dia de Ver Meu Pai, considerado pela escritora e educadora Franny Abramovich como um dos dez livros juvenis mais importantes da última década, foi o primeiro a abordar, no Brasil, as relações de uma família em processo de separação.

Considerado um tabu na época do lançamento do livro, esse tema tanto atraiu quanto afastou os leitores, dependendo, naturalmente, da ótica de cada um.

O terceiro livro, *O Jogo do Pensamento*, (Ed. Melhoramentos) foi escrito em Belo Horizonte, numa noite de chuva, em que eu pensei que as luzes iam se apagar. Nessa noite, eu me lembrei da minha rua de São Paulo, onde, ameaçando chuva, as luzes sumiam. Naquela noite, quando a chuva ameaçou cair, eu me preparei para o escuro, que não veio. Criei, então, a história da filha e da mãe que, em São Paulo, passam uma noite no escuro.

Nessa história, além das discussões sobre as limitações do escuro, acho que os leitores atentos poderão perceber uma distância quase

intransponível entre o mundo da mãe e o da filha, a realidade de uma e de outra. Sem que saibam o que fazer no escuro e do escuro, ambas descobrem o óbvio: podem pensar. Elas inventam, então, um jogo, em que o pai, que ainda não chegou em casa, é a personagem principal. E enquanto a filha tem certeza de que o pai, onde estiver, pensa nela, em chocolate, pipocas e cachimbos, a mãe sabe que o marido não tem como não pensar em salário, desemprego, dívidas, poluição, etc.

Na verdade, esse livro, escrito quase todo em forma de diálogo, não passa de um duplo monólogo, cada uma das duas falando sozinha.

Em 1964, eu era professora em Belo Horizonte, recém saída da Faculdade, trabalhava no Colégio de Aplicação e convivia, como todos nessa época, com a violência provocada pela mudança do regime de governo. Tempos difíceis, de protesto, desespero. Também tempos férteis, de resistência, insistência.

Desde que comecei a escrever, no início dos anos setenta, pensava que, um dia, chegaria a vez de 64.

No entanto, só muito mais tarde (vinte anos) criei, em *Suando Frio*, a história de um aluno apaixonado pela professora. enquanto ele sofre com a paixão impossível, os militares tomam o poder, Nara Leão e a bossa-nova amenizam a vida dos brasileiros, alunos e professores visitam colegas na cadeia, outros se transformam em delatores, livros proibidos são escondidos, discos são quebrados e muitas e muitas coisas mais...

Outro tema que sempre me incomodou e fascinou foi o da mudança de casa. Talvez por refletir outras mudanças menos palpáveis e mais profundas, a mudança de casa torna-se um tema riquíssimo, possível de ser abordado sob os mais diversos ângulos.

O Mundo é pra ser voado (Ed. Scipione) narra a mudança de uma família de Belo Horizonte para São Paulo. Mais que móveis e eletrodomésticos, a família transporta livros, discos, emoções,

ternuras. Dividida entre precisar ir e querer ficar, busca o diálogo, onde os encontros costumam ser mais frequentes que os desencontros...

Depois, escrevi *Sabe de uma coisa?* (Ed. Atual), em forma de diário. Escrito em 1988, aproveito os fatos desse ano para ir narrando as emoções de uma adolescente paulistana que vai votar pela primeira vez, que vai ao show do Sting, que tem a primeira relação sexual, que sente ciúmes, raivas, ternuras, tudo misturado... Ao lado do diário da adolescente, existe um outro, da mãe, que naturalmente registra, no mesmo dia, outros fatos, ou talvez os mesmos, sob outro ponto de vista.

Em processo semelhante ao de *O Jogo do Pensamento*, mãe e filha, agora separadas e unidas pelos diários, mostram, uma vez mais, que cada pessoa deve buscar seu espaço próprio, nunca só repetindo ou assentindo.

Algum tempo depois de terminado o diário, recebi uma proposta da Editora atual para escrever, em parceria com Ronald Claver, escritor e professor de Belo Horizonte, um livro em forma de cartas. Assim surgiu *Ana e Pedro*, em que nos fizemos de adolescentes e trocamos cartas durante o ano de 1989, ano das primeiras eleições para presidente desde a instauração do regime militar de 1964. Ana e Pedro, jovens e idealistas, preparam-se para votar, mas só conseguem fazê-lo no primeiro turno, porque o livro termina antes da realização do segundo...

Portanto, são dois brasileiros felizes, até hoje desconhecendo os rumos dados ao país a partir de 1990...

Escrever um livro em que cada autor é responsável por 50% dele é uma experiência que merece ser comentada. Na verdade, trata-se de um livro em que se é, ao mesmo tempo, autor e leitor. Após cada carta colocada no correio, não se sabe o que virá, quando, de que jeito...

Em nossas idas às escolas, tanto Ronald quanto eu temos constatado que os adolescentes, em

geral, gostariam de um outro final para o livro. Como Ana e Pedro não se conhecem, e mesmo assim se apixonam, os leitores reinvidicam um final feliz, um encontro decisivo, qualquer solução bem concreta, que o livro não apresenta.

Nessas ocasiões, aproveitamos para dizer que a leitura de uma obra literária não deve exigir regras rígidas ou normas irredutíveis. Muito mais rico literariamente, um final capaz de gerar polêmicas deve sempre ser preferido a um outro, definido e definitivo e, talvez por isso mesmo, passivo.

Eu ainda gostaria de lembrar outros quatro livros, todos eles com personagens crianças:

Meu dente caiu (Ed. Lê, B. Horizonte), história de um menino, Xuim, que perde o primeiro dente e espera, dia após dia, que outro nasça no lugar. Nunca consegui conversar com as crianças sobre esse livro, porque, quando as encontro, são elas que querem me contar o que aconteceu com seus dentes, onde, quando, etc...

Eu sou isso? (Ed. Lê, B. Horizonte), história do momento em que uma criança se descobre como corpo humano. Acontecida em minha casa, com um de meus filhos, essa experiência faz parte das minhas melhores lembranças.

O Barulho do Tempo (Ed. FTD, S. Paulo), história de uma criança que quer (e não consegue) ver o tempo passar. Escrito há muitos anos, na mesma época de *O Rei dos Cacos* e *O Dia de Ver Meu Pai*, só vim a publicá-lo mais tarde, ainda que gostasse do texto de forma especial. Talvez, por se tratar de um livro sobre o tempo, eu tenha querido ser fiel ao tema...

Será que ele vem? (Ed. Moderna, São Paulo), história de uma criança que tenta pegar um beija-flor. Também um de meus primeiros trabalhos, *Será que ele vem?* me ensina, com seu título, que sou uma pessoa cheia de interrogações. Os leitores inconformados de *Ana e Pedro* que me desculpem, mas não tenho, nunca tive soluções nem respostas.

Penso que devemos exaustivamente perguntar, procurar, buscar. Depois de *Será que ele vem?* vieram também, com títulos interrogativos, *Eu sou isso? Sabe de uma coisa?* e *Arco-iris tem mapa?* lançado em 1991, pela Editora Scipione.

Antes de terminar, eu gostaria de dizer que o ato de escrever é difícil, muitas vezes doloroso, e sei que nada estou afirmando de novo.

Entretanto, como me sinto comprometida com o leitor, seja qual for sua idade, gostaria de dizer que, ao terminar um trabalho, sei que aquilo é o melhor de mim.

Tenho uma preocupação constante com o valor estético do texto, procurando sempre o jeito mais bonito, mais poético. Com minhas interrogações e incertezas, tenho insistido, livro após livro, em retratar o mundo que me chega, cada dia, nas páginas dos jornais, nas ondas dos rádios, na televisão, na confusão das ruas, no choro e no riso das crianças.

Confesso também que tenho escrito sobre o que vejo, o que vivo, o que conheço. Também sobre o que imagino.

Às vezes imagino que me lêem e é muito bom...

LIVROS PUBLICADOS PELA CONFERENCISTA

O dia de ver meu pai. Formato Editorial, Belo Horizonte. (Traduzido para o japonês em 1980).

O jogo do pensamento. Editora Melhoramentos, São Paulo.

O barulho do Tempo. Editora FTD, São Paulo.

O mundo é pra ser voado. Editora Scipione, São Paulo. Este livro ganhou o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Juvenil de 1989.

Arco-iris tem mapa? Editora Scipione, São Paulo.

Será que ele vem? Editora Moderna, São Paulo.

Sabe de uma coisa? (diário de uma adolescente). Editora Atual, São Paulo.

Ana e Pedro (cartas). Editora Atual, São Paulo. (Em parceria com Ronald Claver).

Segredo bem guardado. Formato Editorial, Belo Horizonte.

Suando Frio. editora Lê, Belo Horizonte.

Eu sou isso?. Editora Lê, Belo Horizonte.

Meu dente caiu!. Editora Lê, Belo Horizonte.

Quem conta um conto. Editora atual, São Paulo. (Antologia com mais cinco autores. Esta coleção é composta de seis volumes com cinco autores fixos).

Setencontos, Setecantos. Volume 3, Editora FTD. (Antologia com outros autores).

O Conto "A Coisa Melhor do Mundo", foi traduzido e publicado em antologias de autores brasileiros no Japão, na Holanda e na Polônia.